

PRÓLOGO

A história é comum: três sócios compram um descuidado imóvel em leilão com intenções de reformá-lo e ativá-lo, mas durante o processo perdem o dinheiro para tal; o fracasso dos donos se soma a uma crise imobiliária e o casarão — sem valor de revenda, sem possibilidade de investimento — é abandonado em uma espécie de limbo. Após dez anos, os proprietários já haviam perdido qualquer esperança com o imóvel, que se arruinava progressivamente.

Como criar esperança nos espaços falidos, de modo financeiro e subjetivo, que definem centros antigos do Brasil?

MOURARIA 53: COTIDIANO MATERIAL

Apresentamos a história de um experimento, que, expandindo a categoria “materiais do dia a dia”, incorpora o ‘dia a dia’ enquanto material: restos das rotineiras demolições de Salvador, uma cidade que não recicla; mas também pessoas que se conhecem, trocam experiências e produzem espaço. Contra a arquitetura enquanto objeto sem contexto, nosso processo é essencialmente específico: pessoas têm nomes, materiais têm história. Executar uma obra assim, entre o acaso e a intimidade, é algo necessariamente não-linear; a arquitetura resultante não é a execução fiel de um desenho e sim um palimpsesto de materiais, projetos, conversas, erros e sonhos. Para tornar a experiência navegável, nesta exposição a casa é dividida em três partes.

1. Em “Trocas” é apresentado o processo como uma rede: a dissolução da autoria entre centenas de atores, dos proprietários que cedem o imóvel em troca da sua recuperação ao coletivo que o reforma pela possibilidade de ocupá-lo. Arquitetos doam materiais que seriam descartados, professores levam alunos para participar e aprender nos mutirões da casa, músicos constroem para posteriormente usar o espaço em suas apresentações, advogados, psicólogos, sociólogos, fotógrafos, artistas e curadores; sonhos individuais magnetizados em um delírio coletivo. Mais do que intercâmbios não-econômicos, mostramos o uso como construtor de espaço—às vezes de modo literal.

2. Em “Atos”, negamos a tradição das obras que se constroem em camadas completas (estrutura, vedação, acabamentos) e que, por isso mesmo, nunca estão prontas até a ‘entrega das chaves’. Assim como a Muralha da China, construída em trechos completos de poucos quilômetros—transformando em metas realizáveis uma tarefa maior que a vida—, operamos em atos. A casa é considerada ‘pronta’ em todos os seus momentos; habitamos a ruína e enxergamos nela um palácio. Os diálogos entre uso e obra ou entre espaço e depósito, assim como os experimentos materiais e espaciais, são aqui apresentados. Revelamos o ‘projeto coerente’ como a soma de partes, com diferentes modelos de gestão, desenho e construção.

3. “Materiais”, de uso contemporâneo —vidros para fechamento de varandas gourmet—ou ‘fora de moda’—pisos de taco e janelas de madeira—recebidos pelo projeto. Trabalhamos com eles de modo paranóico—“tudo o que temos” se torna “tudo o que precisamos”—, vemos na porta o piso, no piso a janela, na janela o muro e no muro a porta; a caixa na qual transportamos a maquete é feita segundo esse processo. Ao incorporar a matéria da cidade em seu corpo, a casa se torna um retrato dela—seus bairros, classes e tempos.

A separação, em atos, trocas e materiais, é obviamente arbitrária: trocas desencadeiam atos e atos possibilitam novas trocas. Materiais, tanto quanto pessoas, são partes da rede que define o quando e como as coisas serão construídas. O projeto é tático, sempre atualizado a partir dos acontecimentos recentes.

As ruínas do centro não encontram na Mouraria 53 um protótipo; nosso experimento é funcional para habitantes e proprietários, mas extremamente improvável. Talvez a improbabilidade seja tudo o que se possa aprender: incorporar a sorte; aceitar o processo, entender a crise como possibilidade, colocar as pessoas na arquitetura e a arquitetura na cidade— sempre imprevisível. Projetar com isso.

PROLOGUE:

Common story: three partners buy a ruined house at an auction, with the intention of renovating and activating it, but, in the subsequent years, lose the money for such. The owners failure is multiplied by a real state crisis, and the house—without resale value and no possibility for investment—is abandoned in a kind of limbo. After ten years, the owners had abandoned expectations in the progressively ruining property.

How to create hope in the, financially and subjectively, bankrupt spaces that commonly define the historic downtown of brazilian cities?

MOURARIA 53: MATERIAL-EVERYDAY

Mouraria 53 presents the story of an experiment, which, expanding the category of “everyday materials”, incorporates ‘everyday life’ as material: remains of the routine demolitions of Salvador, a city where nothing gets recycled; but also people who know each other, exchange experiences and produce space. Against architecture as a contextless object, our process is essentially specific: people have names, materials have history. Performing such a construction, designed between chance and intimacy, is necessarily nonlinear; the resulting architecture is not the faithful execution of a drawing but a palimpsest of materials, designs, conversations, mistakes and dreams. To make our experience comprehensible, for this exhibition the house is split into three parts.

1. *In “Exchanges”, the process is presented as a network: the dissolution of authorship among hundreds of actors, from the owners who lend the property in exchange for its recovery to the collective that intervenes the house in exchange for its occupation. Architects donate materials that would otherwise be discarded, teachers take students to participate and learn in the house construction, musicians build in order to use spaces in their presentations, lawyers, psychologists, sociologists, photographers, artists and curators; Individual dreams magnetized in a collective delirium. More than noneconomic exchanges, we show ‘use’ as a space builder — sometimes literally.*

2. *In “Acts” we deny the tradition of architectures built in complete layers (structure, walls, finishings), which are never inhabitable until the ‘handing over of keys’. As the Great Wall of China, built in complete stretches of a few kilometres — which placed achievable goals in a task greater than life — we operate in acts. The house is considered to be ‘finished’ at all times; We inhabit the ruin, seeing in it a palace. Dialogues between use and construction or between space and deposit, as well as material and spatial experiments, are presented here. ‘Coherent design’ is revealed to be a sum of parts with different management, design and construction models.*

3. *“Materials” of both contemporary use — sliding glass shutters used in gourmet balconies—and contemporary disposal — hardwood floors and wooden windows — received by the experiment. We work with paranoia—“all we have” becomes “all we need”—, seeing in the floor a window, in the window a wall, the wall a door and in door a floor; the box in which was brought model is made with through process. By incorporating matter of the city in its body, the house becomes a portrait of it in its neighborhoods, classes, and times.*

Separation in acts, exchanges and materials is obviously arbitrary: exchanges trigger acts and acts enable new exchanges. Materials, as much as people, are parts of the network that defines when and how things will be constructed. The project is tactical, always updated from its recent events.

The ruins of downtown do not find in Mouraria 53 a prototype; our experiment is functional for both owners and collective, but extremely improbable. Perhaps improbability is all that can be learned: incorporating luck; accepting the process, understanding the crisis as a possibility, placing people in architecture and architecture in the city — always unpredictable. Designing with it.

BIENAL DE ARQUITETURA

ORGANIZAÇÃO	MAQUETE	PATRONOS	AGRADECIMENTOS
Alan dos Anjos Flora Tavares Milena Abreu Pedro Alban Rodrigo Sena	Alan dos Anjos Ana Gabriela Felipe Rezende Flora Tavares Pedro Alban Rodrigo Sena	<i>Esta exposição foi financiada de modo independente, por meio de contribuições de colaboradores.</i> Patronos Ouro Líliá Gramacho Naia Alban Suarez Cláudio Alban Suarez Patronos Prata João Luiz e Dalila Gramacho Tereza Sales Patronos Bronze Ana Amália Angela Marcia Andrade Santo Forte	Elvis, Líliá Gramacho, Manuel Sá, Marina Amaral, Moacyr Peres, Nivaldo Andrade, Raísa Muniz, Rayna Razmilic, Sandra, Tatiane Lins.
IMAGENS	CAIXA		
Alan dos Anjos Davi Fernandes Fernando Gomes Flora Tavares Letícia Grappi Lila Ferradans Manuel Sá Milena Abreu Pedro Alban Rodrigo Sena Viktória Nizarala Felipe Correia	Alan dos Anjos Rodrigo Sena		

MOURARIA 53

COLETIVO 2019	CONSULTORES	COLABORADORES	CONSTRUTORES INFORMAIS	CONSTRUTORES FORMAIS	DOAÇÕES DE MATERIAIS					
Alan dos Anjos Dario Jr. Fernando Gomes Filipe Duarte Iago Lobo Jonas Ximenes Milena Abreu Pedro Alban Rodrigo Sena	André Lessa Emílio Bier Federico Calabrese Jardel Gonçalves José Minho Ladislau Maurício Felzemburgh Nilson Sena Rosana Muñoz Sílvia Pimenta	Ana Gabriela Christina Radget Coletivo Liar Daniele Rocha Deane de Jesus Federico Calabrese Gabriel Burgos Iasmin Salume Janaína Jardel Gonçalves Júlia Saba Luana Radget Lucas Nadine Nascimento	Paula Cubilhas Pedro Leonelli Pedro Tourinho Rafael Almeida Rafael Ramos Raísa Muniz Rodrigo Reis Simone Souza Thais Conceição Thelma Santiago Underismo Victoria Zacconi Yuri	Aline Ricci Ana Julieta Andressa Mascarenhas André Lessa Betina Abreu Bianca Izumi Brandão Bruna Cook Bruna Menezes Carol Amorim Chiara Rucks Chico Ciro Fico Clarice Machado Cláudio Cego Daniel Figlioulo Dário Junior Davi Fernandes Digão Edivaldo Bolagi Eric Cabussu Estele Gabriela Otremba	Gabriela Rabelo Helena Clara Ian Aragão Igor Lobo Ivan Depasiri João Didi João Vitor Karine Rocha Keke Lara Guimarães Leo Alga Leonardo Grogg Lila Ferradans Livia Nery Luana Vellame Luiza Zhenle Lúrian Sodré Marão Marcelo Bastos Mariangela Bastos Marina Novaes	Maurício Porto Natália Lessa Nathália Araújo Orlando Dantas Pedro Teixeira Rafael Oliveira Rodolfo Airbigod Rubem Rodrigues Rodrigo Dutra Rudá Perazzo Sampa Sofia Saavedra Thiago Cavalcanti Tio Kike Tom Rocha Túlio Vanessa Viktória Nizarala Vivian Xandinho Zaira Portela	Serralheiro Antonio Carlos Arouca Carpinteiro Seu Antônio Pedreiros e Serventes Alessandro Chico Ezaquias Nailton Paulo Roberto Sergipe Tonho Ua	Cenotécnicos Agnaldo Queiroz Paulo Alves Eletricistas Genilson Carretos Dedeu Pisca Maurílio	Adriano Guedes Alexandre Prisco André Lessa Bruno Sgrilo Estação da Lapa Fernando Beckrath Flávia Foguel Gabriela Otremba George Almeida João Luís Kátia Santa Rosa	Lilia Gramacho Lucas Sá Moacyr Gramacho Mitti Andaimes Naia Alban Paco Iracheta Ricardo Prado Rod Bagum Thaís Siqueira Tiago Ferreira Wesley Pontes
<i>fizeram parte do coletivo:</i>										
Davi Fernandes Ivan Depasiri Júlia Bittencourt Pedro Texeira	ORIENTADORES Naia Alban Nivaldo Andrade									